

VIAJANDO PELA AMAZÔNIA: RELATOS DE VIAGEM E CRÔNICAS SOBRE A FLORESTA ENTRE OS SÉCULOS XVI E XX.

Marcos Paulo Mendes Araújo

1- Professor da SEDUC (Amazonas) e da SEMED (Manaus). Professor da Faculdade Fucapi.

E-mail: cunhabebe@gmail.com

RESUMO

O texto procura explorar um dos temas mais interessantes sobre a Amazônia. Os relatos de viagem, as crônicas, as cartas e demais documentos produzidos por homens e mulheres que visitaram a floresta ajudam a decifrar aspectos curiosos que remetem à vida dos povos da floresta, à fauna e a flora, bem como, a presença dos estrangeiros nesse cenário. O trabalho foi produzido a partir de textos que reproduzem testemunhos de *ver* ou *ouvir* daqueles que estiveram na Amazônia em diferentes períodos ou séculos.

Palavras-chave: Amazônia. Viagens. Explorações. Relatos. Crônicas.

ABSTRACT

The text seeks to explore one of the most interesting themes on the Amazon. Travel reports, chronicles, letters and other documents produced by men and women who visited the forest help to decipher curious aspects that refer to the life of the forest peoples, fauna and flora, as well as the presence of foreigners in this area. scenario. The work was produced from texts that reproduce testimonies of seeing or hearing of those who have been in the Amazon in different periods or centuries.

Keywords: Amazon. Travels. Explorations. Reports. Chronicles.

1. OS SÉCULOS XVI E XVII.

Como você imagina que era a Amazônia do século XVI? De fato, essa pergunta não é fácil de responder. Mesmo, para os primeiros europeus a estar por aqui no século XVI, a tarefa de informar a seus conterrâneos o que eles viam ou ouviam na Amazônia não era uma coisa simples. Faltavam certas referências e/ou experiências que pudessem servir de base comparativa para ajudar na construção dos seus relatos.

Imagine como você iria relatar para alguém o formato e o gosto de um fruto, como por exemplo, o cupuaçu ou tucumã, para alguém que somente conhece pera e/ou maçã? Sem dúvida não seria uma tarefa qualquer! Foi assim que os primeiros relatos foram escritos, ou seja, com grande dificuldade em tentar traduzir para as pessoas na Europa as características da Amazônia.

Para que os leitores desses textos pudessem melhor dimensionar a floresta, seus habitantes, sua fauna e seus animais, os cronistas e demais viajantes tentavam estabelecer comparações entre o que eles encontravam aqui com coisas que existiam na Europa. Agora! Imagine o quanto isso devia ser interessante. Como estabelecer certas conexões, como tentar explicar as características dos peixes encontrados nos rios de uma floresta como a amazônica com peixes europeus? Como estabelecer qualquer grau de igualdade entre frutas tropicais e frutas provenientes de outras zonas climáticas?

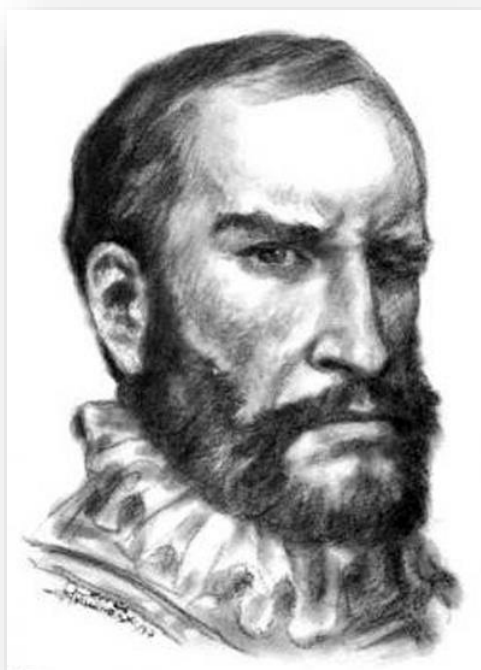
Em meio a isso, os cronistas e viajantes também possuíam um perfil próprio da época. Os textos produzidos no século XVI eram carregados de um sentimento de descoberta de um mundo novo que eles comparavam ao paraíso terrestre. Mas quem eram esses narradores? Segundo Lúcia Gomes:

Os viajantes eram pessoas de ambos os sexos, de classes sociais variadas, profissão e formação intelectual diversificada, que descreveram aspectos do Brasil, através de crônicas, relatos de viagem, correspondência, memórias, diários, álbuns de desenhos.¹³

Esses homens e mulheres chegavam ao Brasil pelos mais diferentes motivos. Alguns estavam apenas de passagem, outros vinham explorar o território em busca de riquezas ou ainda, estavam tentando estabelecer aqui a presença permanente da Igreja Católica. Muitos foram aqueles que estiveram por aqui no século XVI, com destaque para Francisco de Orellana (figura 1) e o padre Gaspar de Carvajal.

¹³ GOMES, L. Viajantes (Relatos sobre o Brasil, séculos XVI a XIX). Retirado de: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=131. Acesso em 22 de agosto de 2016.

Figura 1: Francisco de Orellana



Fonte: www.agustinosrecoletos.org

Esses primeiros viajantes espanhóis buscavam conhecer melhor a região, para em seguida, iniciar a exploração. Apesar de existirem muitos relatos sobre visitas à Amazônia ocorridas no final do século XV, apenas foi considerada como oficial a viagem de Vicente Yañez Pinzón. Sobre esse representante do governo espanhol assim se referiu Pontes Filho:

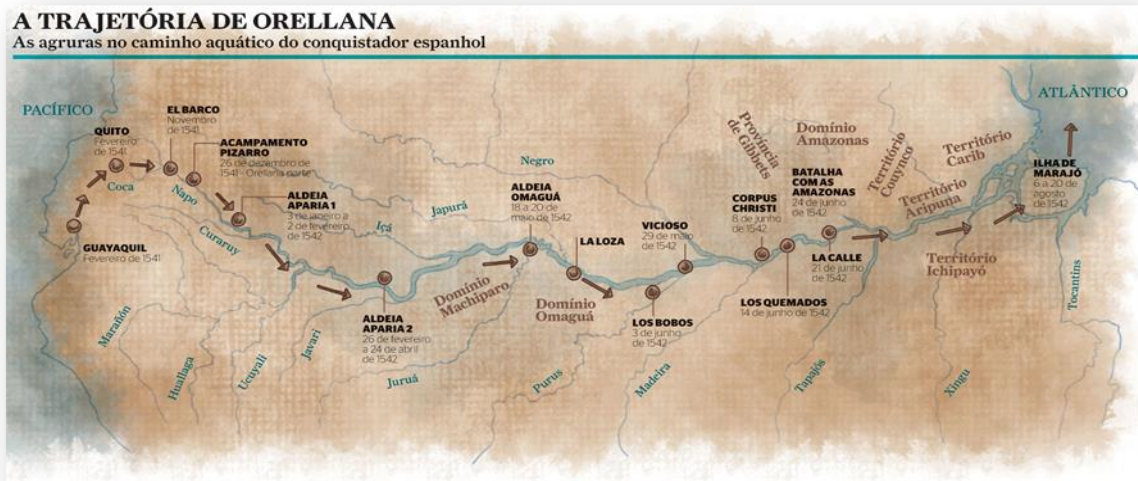
Comandada por Vicente Yañez Pinzón, essa expedição saiu da Espanha em 1499 e, no início de 1500, alcançou as costas do Ceará, chegando, em seguida, ao estuário do rio Amazonas, chamando esse rio de Santa Maria de La Mar Dulce, e prosseguindo em direção ao norte, passou pela foz do rio Oiapoque, ao qual denominou com o seu próprio nome: rio Vicente Pinzón.¹⁴

Após a vinda de Pinzón, nos anos que se seguiram outros espanhóis estiveram na região. Como foi dito anteriormente, o comandante Francisco de Orellana viajou pelo grande rio em busca das terras de La Canela e do El Dorado.

¹⁴ PONTES FILHO, R. P. **Estudos de História do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2000. P. 48.

Francisco de Orellana acompanhou Gonzalo Pizarro que tentava comprovar a existência de uma terra com muitas riquezas. A ideia de realizar uma viagem exploratória, com o objetivo de encontrar essa terra maravilhosa e coberta de riquezas, surgiu após os colonizadores ouvirem dos índios da região de Quito, relatos acerca da existência desse lugar que guardava muito ouro, além de várias outras riquezas.

Figura 2. Trajeto de Francisco de Orellana.



Fonte: <http://guiadoestudante.abril.com.br/imagem/HISTORIA-116-53-ED.jpg>

Após o início da viagem, os exploradores navegaram vários dias sem encontrar absolutamente nada que pudesse servir de alento. Mesmo, contrariando a maior parte do grupo que pretendia voltar, Francisco de Orellana resolveu ir em frente. Sua perspectiva era a de, pela última vez, tentar encontrar as riquezas “prometidas”.

Mesmo com alguns desentendimentos Orellana seguiu em frente, até que em 1542 alcançou o oceano Atlântico de onde seguiu para Europa. Durante sua viagem pelo grande rio, Francisco de Orellana foi acompanhado por muitas pessoas, entre os quais, o frei Gaspar de Carvajal que acabou registrando toda aventura em forma de crônicas.

De todas as passagens encontradas na obra de Carvajal, talvez a mais curiosa seja sobre as mulheres guerreiras que entraram em confronto com os exploradores. Essas mulheres foram comparadas às Amazonas da mitologia grega.

Figura 3. Imagem alusiva às guerreiras amazonas.



Fonte: <http://iseu2011.blogspot.com.br/2011/03/amazonas-mulheres-guerreiras.html>

Depois da expedição de Gonzalo Pizarro e Francisco de Orellana muitas outras vieram. Ainda no século XVI, destacou-se a expedição do governador Pedro de Ursua e do soldado Lopo de Aguirre. A viagem teve início no ano de 1560 e terminou apenas no ano seguinte. O motivo inicial era o mesmo da expedição de Orellana, ou seja, visava encontrar as riquezas que eram relatadas pelos nativos.

Porém, essa expedição acabou se tornando uma grande tragédia. Na medida em que, a expedição ia avançando, e não encontrava nenhuma riqueza significativa, os soldados foram sendo insuflados a realizarem uma rebelião. O líder dos revoltosos foi Lopo de Aguirre que acabou matando Pedro de Ursua (fig. 4) e assumindo o comando dos homens.

Figura 4 - Lopo de Aguirre



Fonte: <http://iseu2011.blogspot.com.br/>

No século XVII prosseguiram as viagens pelo Amazonas. Entre 1637 e 1639, ou seja, durante a chamada União Ibérica¹⁵ foi à vez dos portugueses se aventurarem pelo grande rio. O precursor dessas viagens foi general Pedro Teixeira.

Essa viagem estabeleceu a ligação entre as cidades de Belém a Quito. Seu objetivo central era o de possibilitar o domínio das terras amazônicas por parte dos portugueses. As informações que nos chegaram sobre as aventuras de Teixeira (fig. 5) referentes à sua ida a Quito, bem como, sua volta á Belém estão registradas nas crônicas de dois padres que acompanharam o militar português. São eles: o padre Alonso de Rojas e o padre Cristoval de Acuña.

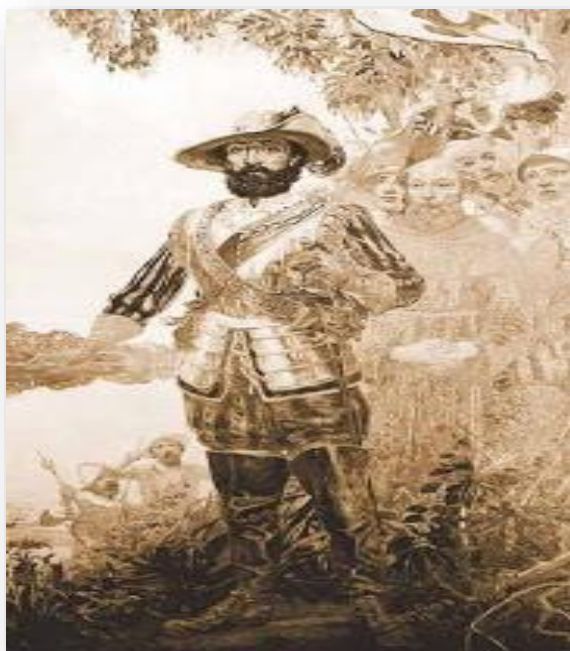
Através dos relatos produzidos sobre a viagem, é possível compreender as dificuldades passadas pelos membros da expedição naqueles dias. Muitas foram as consequências e resultados dessa expedição, mas cabe destacar:

- a) A expedição permitiu que os portugueses fizessem o reconhecimento do rio Amazonas e de suas áreas adjacentes.

¹⁵ União Ibérica foi assim chamada por corresponder ao período de tempo entre 1580 e 1640, quando as coroas de Portugal e Espanha estiveram unificadas. Talvez esse acontecimento tenha sido preponderante para ampliação das áreas de dominação portuguesa na América do Sul.

- b) O estabelecimento de novas fronteiras entre o império luso e as possessões espanholas. Foi definido que área de influência de Portugal se estenderia até os rios Napo e Aguarico.
- c) Possibilidade de novas viagens exploratórias portuguesas visando a definitiva ocupação lusa na região.

Figura 5. O conquistador da Amazônia Pedro Teixeira



Fonte: <http://covoos.com/>.

Ainda no século XVII os portugueses estabeleceram uma série de medidas para assegurar seu domínio sobre a Amazônia. Logo depois da viagem exploratória de Pedro Teixeira tiveram início uma série de viagens militares e sertanistas com o propósito de explorar a região e fortalecer ainda mais a presença lusitana nas áreas de interesse econômico banhadas pelo rio Amazonas.

As expedições militares, entre outras coisas, visavam o apresamento de índios o que acabou gerando muitos conflitos com os padres da Companhia de Jesus que eram contra a escravização dos nativos da região. Por esse motivo as expedições militares acabaram diminuindo muito no século XVII.

Já as expedições conhecidas como sertanistas tinham outras finalidades. Entre os variados objetivos desse tipo de expedição estava busca pelas chamadas “drogas do

sertão”. Os produtos conseguidos pelos exploradores eram muito procurados em Portugal que via com bons olhos essas expedições.

Muitas dessas expedições militares e sertanistas foram registradas através de crônicas e relatos de viagem. Esses documentos ajudam a entender melhor o cotidiano dos homens que habitavam na floresta.

2. O SÉCULO XVIII E A CIÊNCIA: NOVAS PERSPECTIVAS PARA AMAZÔNIA.

No final do século XVII várias inovações científicas, ganharam espaço na Europa e acabaram chegando à América. Fruto da ação de homens que defendiam acima de tudo o direito à liberdade. Os cientistas daquele período buscavam, entre outras coisas, entender o mundo de forma mais integral e racional.

Pesquisas sobre o universo, os fenômenos da natureza, o próprio ser humano ganhavam cada vez mais destaque. Além disso, era uma tônica do período as pesquisas científicas que permitissem estabelecer uma relação entre as potencialidades naturais e a possibilidade dos países no tangente à exploração desses recursos e sua transformação.

Este cenário, propício às ciências, também resultou em ganhos para Amazônia. No século XVIII, visitaram a floresta amazônica dois pesquisadores, um francês e o outro, nascido no Brasil e radicado em Portugal. O primeiro deles, veio à América do Sul em 1735 com a finalidade de realizar com sua equipe algumas medições a fim de verificar a verdadeira forma da terra.

A comissão foi formada na França pela Academia de Ciências com alguns dos melhores cientistas e pesquisadores franceses da época. O líder da expedição era o geodésico Charles Marie de la Condamine. Como chefe da comissão científica Condamine teve que lidar com inúmeros problemas com seus comandados que estiveram envolvidos em diferentes tipos de problemas e situações embaraçosas.

Depois de idas e vindas, Condamine (fig.6) em companhia de um oficial do exército espanhol de nome Maldonado partiram de Quito em direção ao Brasil. Sua chegada a Amazônia brasileira, deu-se em 1743. Apesar da forma como entendia os índios brasileiros, com certo desdenho, o pesquisador realizou inúmeras investigações e observações científicas ao longo de sua viagem de Borja até Belém.

Figura 6: Charles Marie de la Condamine.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Marie_de_La_Condamine

Mas la Condamine não foi o único cientista a estar na Amazônia no século XVIII. Neste mesmo século, outro pesquisador chegou à floresta amazônica. Era Alexandre Rodrigues Ferreira que esteve em viagem pela Amazônia liderando uma expedição científica entre 1783 e 1792.

Nascido na Bahia em 1756 era filho de um rico comerciante de nome Manoel Rodrigues Ferreira. Muito cedo foi enviado com seu irmão Bartolomeu para Portugal onde realizaram estudos na Universidade de Coimbra onde se formou em 1778, obtendo o grau de doutor em filosofia.

Segundo consta de sua biografia, Ferreira partiu de Portugal para Belém do Pará em 14 de julho de 1783 com seus assistentes. Trouxe para o Brasil uma biblioteca, uma cozinha de campanha, um pequeno laboratório, uma arca com alguns medicamentos, além de equipamentos de caça e pesca.

O pesquisador tomou como referência a cidade de Belém. Seus trabalhos investigativos tiveram início em setembro de 1783 e fevereiro de 1792. Ao longo do tempo em que esteve investigando os aspectos naturais da floresta amazônica, coletou espécies da fauna e da flora, reproduziram através de desenhos, diversos animais e as plantas típicos da floresta.

Sem dúvida, as pesquisas de La Condamine e Alexandre Ferreira com sua “viagem Philosophica” representaram uma completa mudança na forma de ver e entender a floresta amazônica com toda sua riqueza vegetal e animal. Mas faltava uma coisa, o homem amazônico, sobretudo, os índios, mas isso somente iria acontecer no século seguinte.

Não é possível afirmar que somente no XIX os índios passaram a chamar atenção da comunidade científica, mas de fato, nesse século as coisas parecem ter “decolado”.

3. O SÉCULO XIX E AS PESQUISAS ANTROPOLÓGICAS.

Como foi dito o século XIX chegou trazendo uma série de novidades para os estudos sobre a Amazônia. Nos ares, novos cientistas e novas perspectivas foram somadas as informações acerca da natureza que já eram conhecidas desde o século anterior.

Neste período, foram intensificadas as pesquisas alemãs na região. Vários foram os pesquisadores daquele país que estiveram visitando a floresta amazônica em busca de respostas para perguntas que estavam sendo formuladas de forma efervescente naqueles dias.

Difícil seria eleger os pesquisadores mais expressivos do período, mas a ebulição de ideias era tão grande que ficaria bastante complicado eleger alguns desses pesquisadores. Como forma de representação do conjunto dos pesquisadores e demais cientistas que estiveram no século XIX em comissões científicas na Amazônia, elegemos o médico e etnólogo alemão Karl von den Steinen.

A visita de cientistas estrangeiros à América e, sobretudo, ao Brasil foi um fenômeno que marcou aquele século. O continente americano representava um espaço de interesse de vários pesquisadores em razão de suas características físicas e humanas.

A ciência possuía naquele período, uma série de dúvidas e incertezas, e a América, para muitos pesquisadores, poderia ter respostas para questões que à época ainda não possuíam respostas. Sobre tal aspecto, destacou Antonello Gerbi:

Os novos conceitos científicos provam seu vigor varrendo dúzias de problemas mal colocados, e sua fecundidade explicando com perspicácia imparcial fenômenos e criaturas dos cinco continentes e outros lugares. Mas eles não eram (ou, pelo menos, ainda não) aplicáveis a formações históricas como as nações, a mentalidade dos povos, as instituições políticas, as ideologias e os ideais tão rapidamente surgidos, fermentados e fervilhantes nas Américas¹⁶.

¹⁶ GERBI, A. **O novo mundo: história de uma polêmica (1750-1900)**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. P. 337.

No caso do Brasil, parece que o interesse dos pesquisadores, chegou oportunamente. Por aqui, havia a difusão de ideias acerca da necessidade de um melhor conhecimento sobre o território e suas populações; e o trabalho de pesquisa desenvolvido pelos estrangeiros poderia auxiliar neste esforço.

Sobre essa espécie de casamento, entre os interesses dos pesquisadores estrangeiros que circularam no Brasil ao longo do XIX, e a necessidade de ampliação do conhecimento sobre o país sublinhou John Manuel Monteiro:

Quando, em 1843, o naturalista alemão Carl F. P. von Martius apresentou o ensaio vencedor do concurso do recém constituído Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fixando a pedra fundamental da fábula das três raças, conhecia-se muito pouco sobre o Brasil indígena. De fato, um dos principais desafios na construção de uma história nacional residia em localizar, recuperar e divulgar os relatos que davam conta dos aspectos históricos e etnográficos das sociedades indígenas, ainda inéditos em sua vasta maioria. Tal tarefa foi enfrentada não apenas pelo próprio Instituto, através de sua revista trimestral, como também por numerosas revistas literárias e políticas que animavam a vida intelectual da Regência e do Segundo Reinado. Nesses anos, a produção do saber etnográfico também caminhava de mãos dadas com a emergente literatura nacional: poetas e romancistas fundamentavam suas obras indianistas a partir de uma vasta familiaridade com a etnografia¹⁷.

É possível perceber na passagem retirada do texto de John Monteiro que os estudos etnográficos estavam incluídos nesse conjunto de estudos desenvolvidos pelos pesquisadores estrangeiros no Brasil, apesar de tais estudos representarem uma espécie de contradição, pois, se por um lado os estudos sobre os indígenas possuíam uma relação muito próxima com as origens humanas do território brasileiro, por outro lado os indígenas pareciam representar um problema político, o que também foi mencionado pelo pesquisador:

No dia 29 de julho de 1882, com a presença do Imperador D. Pedro II, foi inaugurada a primeira Exposição Antropológica Brasileira, organizada pelo Museu Nacional. Voltada quase exclusivamente para os aspectos históricos, etnográficos e antropológicos da presença indígena no Brasil, chamava a atenção o contraste entre a

¹⁷ MONTEIRO, J. M. As “raças” indígenas no pensamento brasileiro do Império. In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (org.) **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996. P. 16.

enorme importância que se dava às origens indígenas do País e o perfil manifestamente negativo que se traçava dos índios da atualidade¹⁸.

E foi, justamente neste contexto, carregado de contradições, que chegou ao Brasil em 1884, o médico e etnólogo alemão Karl von den Steinen proveniente de Montevideu a fim de realizar a exploração do rio Xingu, desde sua origem até sua foz.

A visita de Steinen no final do século XIX é apenas um dos muitos exemplos de cientistas que estiveram no Brasil naquele período. Alguns desses pesquisadores deixaram significativas obras sobre o país, fruto das análises que realizaram durante sua estada no território brasileiro.

Karl von den Steinen também desembarcou no Brasil com a intenção de explorar aspectos naturais e humanos. Acompanhado de um engenheiro e de um desenhista¹⁹, o pesquisador alemão ao final de sua viagem exploratória ao rio Xingu, publicou um livro que foi publicado pela primeira vez em 1886 na cidade de Leipzig com o título *Durch Central-Brasilien* obra essa, que ganhou uma tradução para a língua portuguesa em 1942 com o título: *O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu*.²⁰

A obra de Karl von den Steinen assemelha-se muito a outros livros publicados por viajantes da época, ou seja, com detalhadas descrições científicas da fauna e da flora, classificações linguísticas dos grupos indígenas encontrados, descrições antropológicas, além de outros detalhamentos sobre a vida das populações encontradas.

Os relatos apresentados por Karl von den Steinen acerca da expedição ao Xingu realizada em 1884, possibilitou uma visão de uma parte do interior do Brasil até então considerada desconhecida. As observações feitas pelo cientista sobre as regiões visitadas foram produzidas a partir das experiências adquiridas ao longo de outras viagens realizadas por ele. A obra do médico e etnólogo alemão contribuiu com uma série de informações sobre o interior do Brasil, tais como, detalhamento dos aspectos físicos, aspectos ligados à economia, além dos aspectos socioculturais que envolviam os indígenas que foram encontrados durante a expedição.

Desta forma, a obra escrita por Karl von den Steinen durante a viagem exploratória do rio Xingu em 1884, passou a ser considerada pela comunidade científica uma referência para os estudos indígenas no Brasil.

¹⁹ Karl von den Steinen foi acompanhado pelo engenheiro Otto Clauss e pelo desenhista Wilhelm von den Steinen que era seu primo e foi o responsável pelas imagens que ilustraram o livro sobre a viagem de 1884.

²⁰ A obra foi publicada pela Companhia Editora Nacional em 1942 para coleção Brasileira. O texto original de Karl von den Steinen foi traduzido por Catarina Baratz Cannabrava.

4. CONCLUSÃO

O que difere Carvajal, Acuña, Alexandre Ferreira, la Condamine, Steinen e todos os outros viajantes que estiveram na Amazônia? Se pensarmos bem, as diferenças são muito poucas. Todos estes viajantes tinham acima de tudo, de todos os interesses específicos, a curiosidade de conhecer um espaço tão singular.

Todos eles, a seu modo, defendendo suas verdades, representando certos interesses de suas respectivas épocas, no final deram ao mundo a mesma coisa, conhecimentos sobre uma região tão vasta e tão rica.

O que se pode concluir de fato é que esses viajantes, cronistas e cientistas estrangeiros ou nacionais, deixaram um legado que ainda será alvo de leituras e reflexões por muito. É fato, que as novas interpretações, os novos olhares estão redescobrendo os textos produzidos por essas pessoas, o que vem permitindo estabelecer uma nova forma de explorar a Amazônia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

UGARTE, A. S. **Sertões de Bárbaros**. Manaus: Editora Valer, 2009.

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=131. Acesso em 22 de agosto de 2016.

PONTES FILHO, R. P. **Estudos de História do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2000.

GERBI, A. **O novo mundo: história de uma polêmica (1750-1900)**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

MONTEIRO, J. M. As “raças” indígenas no pensamento brasileiro do Império. In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (org.) **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996.

MITTERMEIER, R. (et al). **Viagen Philosophica, uma redescoberta da Amazônia: 1792-1992**.

SMITH, A. **Os conquistadores do Amazonas**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.